



## LAZER SÉRIO E A PRÁTICA DA ESCALADA

Gabriel Rocha Vargas<sup>1</sup>  
Silvia Cristina Franco Amaral<sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo propõe uma análise reflexiva a partir de uma imersão etnográfica junto a um grupo de praticantes de escalada, uma prática de lazer que oferece uma experiência transformadora e formativa para os participantes. A *Perspectiva do Lazer Sério* (PLS), proposta por Robert Stebbins, é apresentada e utilizada para examinar a participação no grupo e a própria prática da escalada como manifestação de lazer. São analisadas as configurações do lazer nesse meio com a intenção de dialogar com a PLS e colocar em perspectiva suas proposições. Ao fazer parte do grupo, o participante vive uma trajetória imersiva, incorporando múltiplos elementos como experiência, conhecimento, identificação e pertencimento. O grupo de escalada torna-se não apenas um espaço da prática da escalada, mas também de convívio e sociabilidade.

**Palavras-chave:** Lazer Sério; Lazer; Etnografia; Escalada.

### SERIOUS LEISURE AND THE PRACTICE OF CLIMBING

**ABSTRACT:** The study proposes a reflexive analysis based on ethnographic immersion within a group of sport climbing practitioners, a leisure activity that offers a transformative and formative experience for participants. The Serious Leisure Perspective (SLP), proposed by Robert Stebbins, is presented as a theoretical framework and will be used to examine participation in the group and the practice of climbing itself as a leisure form. The leisure configurations within this context are analyzed with the intention of dialoguing with the SLP and contextualizing its propositions. By being part of the group, the participant undergoes an immersive journey, incorporating multiple elements such as experience, knowledge, identification, and belonging. The climbing group becomes not only a space for climbing practice but also for social interaction and sociability.

**Keywords:** Serious Leisure; Leisure; Ethnography; Climbing.

### SERIOUS LEISURE Y LA PRÁCTICA DE ESCALADA

**RESUMEN:** El estudio propone un análisis reflexivo basado en inmersión etnográfica con un grupo de practicantes de escalada, una actividad de ocio que ofrece una experiencia transformadora y formativa para los participantes. La Serious Leisure Perspective (SLP), propuesta por Robert Stebbins, se presenta como un marco teórico y se utilizará para examinar la participación en el grupo y la práctica misma de la escalada como una forma de ocio que se inscribe en esta categoría. Las

<sup>1</sup> Doutorando pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Lazer.

<sup>2</sup> Professora doutora da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política Pública e Lazer.

configuraciones de ocio dentro de este contexto se analizarán con la intención de dialogar con la SLP y contextualizar sus proposiciones. Al formar parte del grupo, el participante experimenta un recorrido inmersivo, incorporando múltiples elementos como experiencia, conocimiento, identificación y pertenencia. El grupo de escalada se convierte no solo en un espacio para la práctica de la escalada, sino también en un lugar de interacción social y sociabilidad.

**Palabras clave:** Serious Leisure; Ocio; Etnografía; Escalada.

## INTRODUÇÃO

Se desejamos lançar um olhar analítico sobre uma manifestação de lazer, é necessário refletir: qual o caráter desse lazer? Neste trabalho, abordamos uma manifestação de lazer em que os participantes se relacionam com a prática através de um engajamento que não é efêmero, e sim, por uma gama de fatores, substancial. Uma manifestação de lazer que se destaca por superar a passividade de uma simples ocupação transitória e esvaziada de sentidos perenes.

Seria algo que podemos chamar de um lazer significativo, que remete àquela experiência “[...] que nos passa, [...] que nos acontece, [...] que nos toca”, nas palavras de Bondía (2002, p. 21), e não apenas algo “[...] que se passa, [...] que acontece, ou [...] que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Bondía distancia a *experiência*, formativa e transformadora, da *vivência*, fugaz e efêmera. Da mesma maneira, distanciamos a experiência de lazer, que é significativa, da vivência de lazer, que é dada “na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma de vivência instantânea pontual e fragmentada” (BONDÍA, 2002, p. 23). Para este autor, o sujeito da experiência é receptível, disponível, aberto à própria transformação. É um engajamento que se define em relação às marcas da experiência, um engajamento feito “de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (BONDÍA, 2002, p. 24). Pressupõe-se que o sujeito da experiência de lazer estaria exposto à capacidade formativa e transformadora de sua prática. Não falamos, então, de um lazer passivo, da heteronomia, de consumo puro e simples do bem pronto e inalterável, alienado e esvaziado. E sim, um lazer promotor da experiência, ou da experiência de lazer, dotado de sentidos e significados. Ao lançar um olhar para tais práticas, poderíamos encontrar indícios de que tal manifestação volta-se, em maior ou menor grau, à autonomia do sujeito que dela participa, como oportunidade de atuação e criação.

Mas, para essa idealização, é necessário cuidado com o maniqueísmo de dicotomizar o

lazer, categorizando e afirmando que essa ou aquela forma é mais ou menos legítima, mais benéfica ou correta. Afinal, essa autonomia a qual nos referimos é nada mais do que um vínculo a uma liberdade que é apenas aparente, vínculo que está irremediavelmente estabelecido, pois em momento algum o indivíduo realmente está liberto das influências do meio, como situa Adorno (1995) ao discorrer sobre o tempo livre. Isso nos traz uma delicada questão acerca da autonomia e da experiência de lazer. Para Adorno, “as pessoas não percebem o quanto *não* são livres lá onde mais livres se sentem, porque a regra de tal ausência de liberdade foi abstraída delas” (p. 74, grifo meu). Adorno coloca que a indústria cultural se apropria de métodos para gerar necessidades de consumo dissolvidas no cotidiano, sobretudo através do tempo livre ou de lazer. Mesmo cientes que talvez não seja possível superar a lógica intrínseca do consumo, não podemos deixar de questionar como um lazer que seja significativo pode aproximar o sujeito à autonomia, à criatividade e à experiência, dentro do possível.

Encontramos na *Perspectiva do Lazer Sério* (PLS), um quadro teórico estabelecido e amplamente consolidado introduzido pela obra de Robert A. Stebbins (1982; 1992; 2007), uma correspondência ao que caracterizamos como um lazer significativo. Sendo uma proposição alinhada ao ideário que apresentamos anteriormente, e por ter ampla relevância no entendimento das práticas de lazer dotadas de características distintivas, a PLS será apresentada e discutida neste trabalho. É intenção deste trabalho apresentar a teoria de Stebbins - por isso a utilizamos como referencial - e com ela dialogar, também colocando em perspectiva suas categorias e limites. Para isso, é necessário primeiro ir a campo e observar manifestações de lazer que atendam às expectativas da PLS. Este é, então, um trabalho conduzido pela questão: quais as configurações do envolvimento com uma prática identificada como lazer sério?

## **O TRABALHO DE CAMPO EM UM GRUPO DE PRATICANTES DE ESCALADA**

Para o desenvolvimento do trabalho, foi realizada uma imersão etnográfica, desenvolvida ao longo de dezoito meses, dentro de um grupo independente e autogerido de praticantes de escalada esportiva sediado em uma parede de escalada dentro do campus da universidade - o GEEU (Grupo de Escalada Esportiva e Montanhismo da Unicamp). O pesquisador, inicialmente leigo, tornou-se um *escalador* e membro efetivo do grupo, incorporando as disposições, conhecimentos, linguagens e identidade típicas dos membros do GEEU. Ao longo da estadia em campo, os fatos observados, informações coletadas e

percepções próprias do pesquisador eram anotados em cadernos de campo.

O Grupo de Escalada Esportiva e Montanhismo da Unicamp – GEEU é um grupo de praticantes de escalada que interagem de maneira próxima, reunidos pelo interesse e pelo espaço em comum. Apesar do nome do grupo e do fato de muitos serem alunos, ex-alunos, professores ou funcionários da universidade, a participação é aberta a qualquer interessado. Autogestionado, o grupo ocupa uma face de um dos prédios da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É uma parede com oito metros de altura e dez de largura, repleta de agarras artificiais de resina. Ao lado do muro, imediatamente atrás do prédio, está instalado o *boulder*. Entre os integrantes, o termo “GEEU” faz referência tanto ao grupo em si quanto ao espaço apropriado por este. Durante o período em que foram realizadas as observações para esta pesquisa, o GEEU contava com 70 a 100 membros, e recebia cerca de 300 novos visitantes por semestre.

Os novatos chegam ao GEEU por curiosidade ou indicação de amigos. Algumas vezes o novato já possui alguma experiência na escalada, ou até mesmo é de fato um escalador experiente. O iniciante será recebido com algumas informações sobre o GEEU e orientações sobre a afiliação ao grupo. Ele deverá assinar um termo de responsabilidade, contendo as regras mais importantes de participação e contribuir com uma semestralidade. A abertura do muro cabe aos monitores voluntários, sendo sempre dois por horário (normalmente noturnos). Para tornar-se um monitor, basta apenas ser membro do GEEU, saber fazer corretamente a segurança com cordas e conhecer os nós utilizados no muro.

Entre aqueles que já fazem parte do grupo, a interação é próxima. Há um predominante clima descontraído, com muitas piadas e brincadeiras, que alterna com as discussões sobre práticas de segurança, assuntos técnicos, gestão financeira do grupo, e inúmeros outros assuntos. Claro, tudo ocorre ao mesmo tempo: uns estão descansando, outros escalando, outros fazendo segurança para os que escalam. Ainda há os que só passaram para “dar um oi”.

## **A TEORIA DO LAZER SÉRIO**

Sociólogo canadense, Stebbins pesquisou as rotinas de músicos amadores nos anos 1970, e logo iniciou um longo projeto acompanhando amadores de diversas áreas, nas artes, ciências, esporte e entretenimento (STEBBINS, 1992). À época, a participação amadora em ocupações diversas carecia de definições sociológicas, e o papel social desta categoria era

simplesmente ignorado pela sociologia (STEBBINS, 2007). As primeiras considerações daquelas pesquisas foram publicadas em 1979 na obra *Amateurs: On the Margin Between Work and Leisure*. Posteriormente, pela primeira vez o termo “lazer sério” era apresentado (STEBBINS, 1982). Partindo de suas observações, a PLS sintetiza três principais formas de lazer: o lazer sério (*serious leisure*), o lazer casual (*casual leisure*) e o lazer planejado (*project-based leisure*).

O lazer sério é a prática sistemática de uma atividade amadora, de *hobby* ou voluntariado, que é suficientemente substancial e interessante para o participante a ponto de este desenvolver uma carreira na qual poderá adquirir e expressar suas habilidades e conhecimentos especiais (STEBBINS, 1992; 2007). Aqueles que demonstram um pronunciado envolvimento com o universo da escalada correspondem às características gerais do lazer sério. O lazer sério divide-se entre três formas de participação: amadores, hobbistas e voluntários.

Os amadores podem ser encontrados em atividades ligadas às artes, ciências, esportes e entretenimento que tenham um homólogo profissional (STEBBINS, 1992). Ou seja, os amadores possuem uma ocupação remunerada totalmente distinta da sua prática de lazer, mas replicam em seu lazer ocupações que, para os profissionais, são fontes de renda, inclusive mantendo a existência de um público que consuma aquela produção ou performance oriunda da prática do amador (STEBBINS, 2007)

A diferença entre os amadores e hobbistas é que estes não contam com um público consumidor, ou mesmo não possuem um homólogo profissional. Porém, o entrave dessa categoria na atualidade é que muitos hobbistas estão divulgando suas práticas em redes sociais, com grande alcance, com possível retribuição financeira de variadas maneiras. Fundamentalmente, é entre os hobbistas que majoritariamente situamos a escalada, embora em muitos momentos ela assuma os contornos de uma prática legitimamente amadora. Já os voluntários são indivíduos que oferecem, sistematicamente, algum tipo de ajuda não coagida, de maneira formal ou informal, recebendo ou não alguma contrapartida (STEBBINS, 2007).

As outras duas formas que constituem a PLS são o lazer casual ou ocasional (*casual leisure*) e o lazer planejado (*project-based leisure*). A presença destas duas formas na PLS partem do desejo de Stebbins de envolver todas as manifestações possíveis de lazer em seu modelo teórico. O lazer casual corresponde às atividades imediatamente gratificantes e de curta duração, que requerem pouco ou nenhum treinamento para o seu desfrute. Aqui situamos a maioria das manifestações de lazer e seus exemplos clássicos, como ler um livro,

assistir à televisão, passear de bicicleta ou passar o tempo em redes sociais. Stebbins (2007, pp. 12-13, tradução nossa) demonstra algum repúdio a este tipo de lazer: “[...] lazer casual, embora dificilmente humilhante e desprezível, não deixa de ser muito fugaz, mundano e comum [...]”. Segundo a própria PLS, essa forma de lazer não irá trazer tantos benefícios para o participante quanto o lazer sério.

Já o lazer planejado, segundo Stebbins (2007), é composto por ações que necessitam planejamento e alguma preparação e conhecimento. Se diferenciam do lazer sério por serem atividades ocasionais, cujos significados se encerram no momento em que a atividade termina, e são incorporados apenas como lembranças, não como uma identidade. Mas, também, diferentemente do lazer casual, essa vivência exigirá preparação e investimentos.

## **ESCALADA E LAZER SÉRIO**

Apresentados os principais aspectos do grupo de escalada, bem como os fundamentos da PLS, partimos para uma análise de elementos que caracterizam as particularidades da experiência de lazer oportunizada pelo ambiente do GEEU. O diálogo entre o campo e a Perspectiva do Lazer Sério nos possibilitará construir uma compreensão das configurações do lazer no grupo estudado.

Stebbins (2007) apresenta possíveis benefícios decorrentes das práticas de lazer sério. Para o autor, as motivações para o envolvimento em uma atividade de lazer sério residem nas *retribuições*, que superam os custos (tempo, finanças e outras barreiras) (STEBBINS, 2007; 2009). A construção de significados pela escalada através de experiências dá sentido à própria existência como escalador e contribui para a *valorização pessoal*, a qual relaciona-se diretamente com a *auto-realização*, que decorre da aquisição de habilidades e conhecimentos específicos da escalada, bem como a *auto-expressão*, que decorre da efetivação das habilidades, conhecimentos e experiências já desenvolvidas. Isso pode ser observado constantemente, quando o escalador supera uma via desafiadora. O praticante percebe que os seus esforços são convertidos para o próprio desenvolvimento na escalada, ou que ele é capaz de corresponder às próprias metas.

Essas conquistas também estão vinculadas à *autoimagem*, regulada pelo desenvolvimento de uma identidade associada a uma atividade de lazer sério. No caso, envolver-se com a escalada e alcançar feitos típicos de escaladores faz com que o participante sinta-se um escalador. Isso remete, então, à *satisfação própria*, ou seja, a combinação entre

simples diversão, de caráter mais superficial, e uma satisfação mais profunda e substancial. Essa união é fruto da prática da escalada e de todos os significados provenientes dela. Stebbins (2007; 2009) também aponta para a *recreação* ou *regeneração*, em que, para alguns, é consequência direta da prática da escalada.

Todos os benefícios apresentados nos possibilitam considerar que o universo da escalada oportuniza ao seu integrante a possibilidade de configurar suas próprias metas e desafios e enfrentá-los. A capacidade da escalada de requerer iniciativa e disposição é um importante fator: a superação de desafios impostos pela natureza ou por si, perante as dificuldades das vias de escalada, relacionam-se com uma das características do lazer sério, que Stebbins (2001; 2007) denomina *perseverança*. Participantes engajados em uma atividade assim encontrarão alguns desafios a serem superados. A própria prática recorrente da escalada em uma rotina cotidiana que envolve outros compromissos profissionais, familiares e pessoais é uma forma de perseverar.

Outro benefício citado por Stebbins (2007) é o possível *retorno financeiro*. No mundo da escalada, conforme observado, existem algumas oportunidades para que o aficionado possa direcionar seu conhecimento e habilidades para, de alguma forma, obter algum retorno financeiro. Por exemplo, atividades remuneradas em ginásios de escalada, cursos, atividades em altura para crianças, e até mesmo há aqueles que alcançam rendimentos satisfatórios em competições de escalada através de patrocínios e premiações. Esse aspecto, ainda, complexifica as margens entre lazer e trabalho e borra as próprias categorias de amadorismo e hobbismo da PLS.

O desenvolvimento pessoal em uma prática de lazer é representado pelo que Stebbins (2001; 2007) nos apresenta como *carreira de lazer*, um conceito central do lazer sério. Esta trajetória é moldada pelo acúmulo de experiências. Stebbins (2004) identifica cinco estágios nessa carreira, cujas fronteiras são imprecisas e imperceptíveis. O *início* marca o enraizamento do interesse, que pode ocorrer logo após a sua primeira experiência, ou após um período maior. Em seguida, a próxima etapa é a do *desenvolvimento*, quando a prática se torna mais regular. Já não tão iniciante, o novato aprende a fazer a segurança e talvez tenha suas primeiras experiências em ambiente natural, na rocha. Na fase do *estabelecimento*, o indivíduo já aprendeu os princípios básicos daquela atividade. É quando se estabelece também a identidade – algo como “sou escalador”. O participante já possui alguns equipamentos, é dotado de iniciativas, seja junto às ações do grupo ou em incursões à rocha, e finalmente está inserido no grupo, reconhecendo os outros participantes e sendo reconhecidos por estes. A

*manutenção* representa o florescimento da carreira, com o participante fluente tanto na linguagem particular do universo da escalada quanto na troca de experiências, conhecimentos e habilidades. O escalador também atinge relativa autonomia para tomar decisões marcantes, assumindo qual sua modalidade favorita, orientando iniciantes e sentindo-se confortável ao dividir espaço com escaladores mais fortes e experientes. O *declínio*, se ocorrer, marca o abandono da atividade. Alguns se afastaram do muro ou da prática, mas continuam sendo membros do grupo (pagando as semestralidades) e participam das discussões por *e-mails*, o que os coloca em um tipo de limbo do lazer sério. Esses sujeitos podem, talvez, manter sua inserção no universo da escalada, excetuando apenas o núcleo, que é o ato de escalar. Outros, ao contrário, deixam de frequentar o grupo mas permanecem praticando a escalada, seja na rocha ou em ambientes indoor, geralmente por consequência de mudança de cidade ou até mesmo de país. Há também quem, por motivos distintos, abandone por completo a prática da escalada. Foi difícil encontrar ou acompanhar escaladores que romperam totalmente seus vínculos com a escalada (e não apenas com o GEEU), pois acabam também evadindo o espaço da pesquisa.

Stebbins (2007) ainda nos apresenta formas de benefícios coletivos, as “retribuições sociais”. A *coesão social* é oportunizada ao associar-se com outros participantes daquela atividade de lazer sério. É uma retribuição fundamental no cenário observado e mostrou ser um dos elementos mais importantes na participação da escalada e do GEEU como lazer sério. A *realização coletiva* e a contribuição para a manutenção e desenvolvimento do grupo, como, por exemplo, criar e manter a existência do GEEU. O participante beneficia-se do sentimento de altruísmo, de ajudar um conjunto de ideias e interesses e de ser necessário nas ações deste coletivo. Esses aspectos mostraram-se de grande relevância, ao representar a importância da participação coletiva na experiência de lazer.

## **CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS NO LAZER SÉRIO**

Em uma prática de lazer sério, o conhecimento é construído em contato com outros praticantes ou pesquisas por iniciativas próprias aos iniciantes é ensinado apenas o necessário para escalar no GEEU. Aqueles mais propensos a prosseguir com a prática irão aprender nós, montagem das cordas e freios, realizar a segurança. Por um lado, começam a sentir-se parte do grupo, auxiliando nessas tarefas; por outro, começam a entender que existe uma miríade de detalhes que exigem atenção e que integram a escalada.

A existência de um corpo de conhecimentos específicos é um fator relevante na compreensão dessa prática como uma manifestação de lazer sério. O interesse por informações relativas à prática é identificável em qualquer sujeito que tenha se vinculado à mesma. Seja em busca de dados sobre equipamentos, locais para a prática, técnicas de segurança, formas de treinamento, ou mesmo para saber algo sobre a história do esporte ou do grupo. Segundo Stebbins (2007), dificilmente uma prática de lazer casual obrigará ou permitirá que o participante lide com uma gama tão extensa de informações específicas. Na escalada, o participante busca o conhecimento não só para complementar sua experiência, mas há também uma delicada relação entre conhecimento e segurança. Uma má orientação pode ocasionar em dificuldades inesperadas ou até mesmo em um acidente, que pode ser fatal.

Como observado em campo, existem também aqueles sujeitos que chegam a desenvolver certo interesse pela escalada, mas não querem se envolver mais profundamente e não chegarão a desenvolver uma carreira de lazer sério nesse meio. Esses sujeitos querem escalar com alguma frequência, ter um contato com as pessoas do grupo, mas, por algum motivo, não estão motivados ou atraídos a tornarem-se escaladores de fato.

## **O TEMPO DO LAZER SÉRIO**

A partir de sua própria pesquisa com o grupo, Marinho (2001, p. 87) alega que na prática da escalada no GEEU “não se evidencia o caráter de obrigação, nem de dever”. Porém, as observações demonstraram um cenário oposto. O voluntariado (monitorias) e a preocupação com a segurança no GEEU são evidências de um necessário caráter de obrigação e dever. Para Stebbins (2007), o compromisso é uma atitude relevante em relação ao lazer sério, embora não chegue a ser um elemento definidor de tal. Ao senso comum, sentimentos de compromisso e obrigação no lazer podem parecer ilógicos (STEBBINS, 1992), mas o autor destaca o que ele chama de "compromisso positivo", ou seja, o investimento de tempo e energia no lazer dado pelos seus participantes (STEBBINS, 2007).

Os membros do grupo sempre demonstraram que dedicam muito tempo (e outros recursos) ao mundo da escalada, e que essa exigência acaba influenciando outras esferas da vida. Tal dedicação é indicativo do envolvimento do sujeito com a atividade, e aqui acreditamos que esse fator também seja uma das características mais relevantes do lazer sério. Ao elevar a importância de sua prática favorita no cotidiano, o sujeito possivelmente está encontrando nessa prática, então, os elementos que ele anseia para sentir-se satisfeito e em

plenitude. Isso acontece pois o escalador vê-se envolvido com a escalada em diferentes momentos de sua rotina, como temas de conversas, ambições de consumo, conteúdos midiáticos, etc.

Os escaladores fazem uma relação direta entre um maior desenvolvimento das habilidades e um maior desfrute da prática, dado que um praticante melhor condicionado ou com técnicas mais aprimoradas será capaz de encarar maior diversidade de vias e atingir cumes mais almejados. Mas o discurso de alguém que se afasta da prática por um período relativamente curto lamenta, também, o fato de estar ausente nas atividades tanto quanto o déficit no rendimento devido ao afastamento. Ou seja, o fato de não estar presente junto ao grupo ou nas idas aos picos, já significa, de modo geral, não ter o prazer da escalada. Havia quem, mesmo com o ombro lesionado por uma tendinopatia e já afastado há meses da prática da escalada, não deixava de visitar o muro do GEEU para reencontrar amigos e conversar sobre escalada. Afastar-se da prática da escalada corresponde a afastar-se também desse círculo de sociabilidades. Um dos membros assumiu um horário de monitoria, mesmo afastado por ordem médica devido a uma lesão tendinosa por sobrecarga – “o médico disse que eu não posso escalar, mas não falou nada sobre fazer segurança”, brincou. O compromisso com a escalada é demonstrado através do empenho na prática em si, ou se preparando para ela, estudando a seu respeito, e outras atitudes do gênero (STEBBINS, 2007), que estão relacionadas tanto com a escalada em geral quanto com o GEEU. É o que Stebbins (2001; 2007) denomina por *empenho*, uma característica do lazer sério que o participante deve empregar no desenvolvimento da prática de lazer.

## **O ESPAÇO DO LAZER SÉRIO**

Em geral, o muro é o espaço da prática da escalada, para ambientar entre outros escaladores e, de maneira secundária ou como consequência disso, é também um local para encontrar amigos ou estabelecer novos laços de amizade. O relacionamento interpessoal no ambiente do muro (bem da escalada em geral) está conectado a duas características determinantes do lazer sério (STEBBINS, 2007; 2009): a existência de um *ethos* que emerge ao redor da atividade central e a oportunidade de o participante desenvolver uma *identidade* pessoal e social. Para Stebbins (2007; 2009), *ethos* corresponde ao espírito de uma comunidade de participantes de uma determinada atividade de lazer sério, manifestado através de atitudes, práticas, valores, objetivos e crenças compartilhadas entre esses participantes.

Mais que isso, tal *ethos* representa uma rica subcultura – como a que enxergamos ao olharmos todo o universo da escalada. Nesta subcultura, a partir do *ethos*, oportuniza-se também a formação de uma rede de sociabilidade.

Assim também vê Magnani (2002, p. 22) ao observar grupos de lazer, cujos integrantes “vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. [...] é assim que essa rede da sociabilidade vai sendo tecida”. O código de identificação entre os praticantes, as representações visuais expressas nas fotografias e nos vídeos, os picos clássicos ao redor do globo, as notícias dos últimos feitos dos mitos da escalada, dentre tantos outros elementos que são universais no âmbito da escalada – e só da escalada – nos fazem pensar como as inúmeras outras atividades de lazer sério criam, igualmente, inúmeros outros universos de práticas e símbolos compartilhados em subculturas de lazer. Mas não basta apenas que os participantes estejam localizados sob a aura da escalada para que exista uma associação natural entre os sujeitos. Por se tratar de um mundo social, a escalada também conta com seus subgrupos sociais que facilitam ou distanciam a aproximação. Essas segmentações podem estar relacionadas, sobretudo, às diferentes modalidades praticadas. Os interesses, assuntos e ideais de escaladores que passam dias quase solitários pendurados em grandes vias em enormes paredes rochosas com quilos e quilos de equipamentos não são exatamente os mesmos de escaladores do bouldering, uma modalidade mais ágil, geralmente praticada em grupos com vários indivíduos em rochas de pouquíssimos metros de altura e com mínimo uso de equipamentos.

Isso remete, ainda, ao aspecto da construção da identidade. Fruto de todas as demais características do lazer sério, a identidade do escalador ou praticante de escalada é proporcionada pela experiência do lazer. Curiosamente, Stebbins não dedica muita atenção a essa relevante característica. Jones (2000) alega que aquele autor negligencia a importância da identificação e, conseqüentemente, da identificação social que o lazer sério provê aos participantes. Não restam dúvidas sobre a construção da identidade do escalador, cunhada sobre as próprias expectativas e realizações e reconhecida pelos seus pares, bem como por aqueles que não pertencem ao universo em questão.

Jones (2000) também sugere mais uma característica ao lazer sério: a importância da filiação a um grupo. Essa qualidade é um mais um elo entre a identidade social e o lazer sério (JONES, 2000) e é também uma das características mais relevantes observadas no grupo de escalada. Fruto dessa filiação, o grupo de praticantes de escalada cumpre a função de um

*locus* de sociabilidade, construção de identidade e estilo de vida ao seu integrante, sendo isso até mais significativo do que os próprios desafios e prazeres oferecidos pela prática da modalidade esportiva em si. Somado à existência de um *ethos* (STEBBINS, 2007; 2009), clarifica-se a aproximação entre a definição do GEEU como um universo de práticas e as impressões desse grupo baseadas no lazer sério. A partir desse conjunto de significantes culturais particulares, cria-se uma rede de trocas através do interesse comum da escalada, que oportuniza aos seus participantes o pertencimento a um grupo que extrapola a notação de “grupo de escalada” a partir do momento em que as relações começam a tocar outras esferas, sejam no espaço do lazer ou não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao demonstrar a extensão e multiplicidade de elementos que compõem o universo da escalada e do GEEU, evidencia-se que não são as sensações ou o *status* promovido pela ação central, apenas, que constituem a atração e motivação para a participação na atividade. Mais que isso, é a atuação no grupo de escalada que provê uma ampla carga de sentidos e significados ao participante. O sujeito encontra, além do prazer da atividade, a oportunidade de forjar uma identidade, de compartilhar valores com seus pares, de empreender ações outrora inalcançáveis, de estipular e alcançar suas próprias metas e seus próprios desafios. Muitas vezes os escaladores visitam o GEEU não para escalar, mas apenas para desfrutar desses elementos. As variadas maneiras com que o grupo é visto por seus integrantes correspondem aos diversos sentidos que fazem deste um grupo plural em seus significados.

Identificam-se quatro fatores fundamentais que configuram as práticas exercidas no GEEU como ações de lazer diferenciadas, significativas, que as situam no espaço do lazer sério: o desenvolvimento e a dedicação à prática da escalada em si; a existência de um mundo social e suas relações internas, com características particulares e os códigos e as linguagens praticadas no seu interior; a própria participação nesse grupo/mundo social, suas exigências e benefícios e o equilíbrio entre a influência exercida por esse fator na vida de seu participante e sua prioridade; e todo o corpo de conhecimentos necessários para que o participante possa desfrutar de todos os elementos desse universo de lazer.

O lazer sério, então, está circunscrito às noções de experiência de um lazer significativo, de modo em que essas manifestações assumem, portanto, um papel relevante no curso da vida do sujeito que dele participa. A prática da escalada, como visto no trabalho de

campo, é uma iniciativa espontânea do participante, caracterizada por forte vínculo e imersão, e que apresenta ampla gama de sentidos e significados, oferecendo uma experiência transformadora e formativa.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Tempo Livre. In: \_\_\_\_\_. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, v. 19, n. 1, pp. 20-28.
- JONES, Ian. A model of serious leisure identification: the case of football fandom. **Leisure Studies**. 2000, v. 19, n. 4, pp. 283-298.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2002, v.17, n. 49, pp. 11-29.
- MARINHO, Alcyane. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais**: reflexões sobre a escalada esportiva. 2001. 122 f. Dissertação. Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.
- STEBBINS, Robert. **Serious leisure**: a conceptual statement. **Pacific Sociological Review**. 1982, v. 25, n. 2, pp. 251-272.
- \_\_\_\_\_. **Amateurs, professionals and serious leisure**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Serious leisure. **Society**. 2001, v. 38, n. 4, pp. 53-57.
- \_\_\_\_\_. Career and life course: leisure as process. In: **LSA Newsletter**, n. 6, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Serious leisure**: a perspective for our time. New Brunswick: Transaction Publishers, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Leisure and consumption**. Common ground/separate worlds. Palgrave Macmillan: New York, 2009.